



Espártaco: história, ideologia e romance – uma viagem de 22 séculos à boleia de Howard Fast

Seminário de Antiguidade Clássica

Docente: Prof. Nuno Simões Rodrigues

Discente: Filipe Paiva Cardoso, n.º 48782

Lisboa, Junho de 2015

“No fim, quando foi abandonado por todos os que o rodeavam, Espártaco ficou sozinho. Cercado por muitos inimigos, acabou retalhado enquanto se defendia”

Plutarco

“Espártaco foi atingido na coxa. Caiu sobre o joelho, ergueu o escudo e foi debelando todos os que o atacavam até que ele e os homens que o ladeavam foram cercados e retalhados”

Apiano

“Ele foi trucidado. Reduzido a pedaços (...) Espártaco foi feito em pedaços de tal maneira que nunca dele se pôde encontrar nem sequer um fio de cabelo”

Howard Fast

Índice

Introdução	p. 4
1 – As Fontes	p.6
1.1 – Nota metodológica	p.7
1.2 – Espártaco: A imagem possível	p.9
1.3 – A revolta	p.10
1.4 – A reacção de Roma	p. 11
1.5 – O “acerto” Crasso	p. 13
2 – A recepção de Espártaco	p. 16
2.1 – O Espártaco iluminista	p. 18
2.2 – O Espártaco marxista	p. 19
2.3 – O(s) Espártaco(s) nacionalista e romântico	p. 20
2.4 – O Espártaco americano	p. 21
3 – Fast: Enquadramento e obra	p. 22
3.1 – Fast: A síntese	p. 23
4 – Fast: A crítica	p. 26
4.1 – O Espártaco <i>kalos kai agathos</i>	p. 26
4.2 – Fast: As dicotomias	p. 28
4.3 – Fast: Omissões e ideologia	p. 29
Reflexão	p. 32
Lista bibliográfica	p. 34

Introdução

Esquecido durante longos séculos, Espártaco foi recuperado como figura icónica no séc. XVIII, quando os iluministas identificaram na revolta deste trácio um potencial literário e ideológico imenso. Também o seu inimigo, a magnífica, gigantesca e quase imperial Roma se prestava a um serviço semelhante, no caso como símbolo último da opressão. A sua dimensão e o facto de se ter sentido seriamente ameaçada por um exército de escravos potenciavam ainda a exaltação de um outro ângulo da revolta e do seu potencial ideológico: a mensagem de que nenhum adversário deve ser visto como demasiado grande para ser enfrentado. Voltaire, Rousseau e a década revolucionária francesa recuperaram assim a figura de Espártaco, até então condenado a sucintas passagens ou notas de rodapé em compêndios de História de Roma – se tanto.

O engrandecimento do mito de Espártaco não veio, contudo, sem algumas ironias. Tratando-se de uma revolta de escravos, o que dizer de ter sido um antiabolicionista a levar o trácio até aos patamares da fama nacional nos Estados Unidos, já em meados do séc. XIX? Um simples exemplo da flexibilidade que a personagem de Espártaco oferece aos autores que se decidem a abordá-lo: ora é um símbolo da luta pelos direitos do homem, ora um símbolo nacionalista contra a opressão estrangeira, ora um herói romântico que luta contra tudo e todos para defender a família, ora um oprimido que apenas procura a liberdade, igualdade e a justa distribuição de riqueza... Espártaco dá para quase tudo, como tentaremos mostrar nas próximas páginas.

Entre o passar dos séculos e a evolução das diferentes roupagens que foram sendo adaptadas ao gladiador trácio, a sua história foi lentamente evoluindo até explodir para os patamares do mito que hoje lhe atribuímos. Aquele que nas fontes clássicas surge como mais um episódio da história do grande general romano Marco Licínio Crasso tornou-se ao longo de um lento mas crescente processo de 22 séculos maior que este último, que ironicamente estaria hoje mais votado ao esquecimento não fosse ter sido o responsável pela morte de Espártaco. Para este processo lento mas crescente muito contribuiu também a evolução dos próprios meios de comunicação, em especial ao longo do século passado, com o cinema a desempenhar um papel fundamental na explosão do mito, sobretudo graças ao filme de 1960 realizado pelo jovem Stanley Kubrick e protagonizado por Kirk Douglas e Laurence Olivier. Na base deste filme, o livro “Espártaco” de Howard Fast, de 1951, objecto central deste trabalho.

Para entender e analisar criticamente a obra através de diferentes ângulos, são necessários vários passos intermédios até construirmos uma ideia mais abrangente sobre os diferentes alcances e influências da mesma. Estes passos intermédios vão levar-nos desde os relatos sobre a revolta de 71-73 d.C. deixados pelos autores, historiadores e biógrafos clássicos, tanto gregos como romanos, até aos diferentes aproveitamentos de que a figura de Espártaco foi sendo alvo nos séculos mais recentes, tanto por autores, ensaístas, políticos como por ideólogos. Procuraremos

de seguida entender o enquadramento do próprio Howard Fast e de uns Estados Unidos que o perseguiram e oprimiram já em pleno séc. XX, culpa da paranóia anti-comunista que então grassava no país. Só com todos estes dados em mão será então possível ir além da superfície na análise a que nos propusemos.

E como todas as viagens começam com um primeiro passo, antes de todas as etapas intermédias referidas, começaremos por abordar as problemáticas do estudo das fontes clássicas assim como por uma nota sobre a metodologia a que obedeceu este trabalho ao nível da análise da fidelidade da obra de Howard Fast em relação ao que nos contam Plutarco, Salústio, Apiano ou Orósio, entre outros. Começemos então.

1 - As fontes.

“Atravessar um rio, não através de uma ponte larga e elegante, mas a saltar de pedra em pedra.” A descrição é de Kurt A. Raaflaub¹, referindo-se desta forma simples e acertada às dificuldades que um historiador enfrenta quando decide mergulhar nos diferentes relatos presentes nas fontes sobre a fundação de Roma, dificuldades que, com adaptações específicas, é certo, também podemos associar ao trabalho de todos aqueles que tenham como objectivo reconstruir qualquer episódio visto como uma mancha na história da então República – e até mesmo nos episódios mais gloriosos, cujos relatos não raro seriam exagerados.

Ao contrário da época a que se refere Raaflaub, cuja maior dificuldade prende-se com a distância e a mistura dos mitos com os relatos históricos escritos muito depois da fundação de Roma, no nosso caso, onde o objectivo passa por analisar além da superficialidade a revolta que tornou Espártaco na figura icónica que hoje associamos a este nome, as dificuldades são várias e com várias motivações. Desde logo, o relativo desdém com que Roma olhou inicialmente para a revolta de 73-71 a. C., levando a que poucos tenham prestado atenção ou registado devidamente os detalhes iniciais da mesma. Outro exemplo reside numa dificuldade historiográfica que acompanhou o homem por muitos séculos: o facto de apenas sobreviverem os relatos dos vencedores, muitas vezes deturpados para servir um qualquer propósito mais propagandístico que de pureza factual ou escritos para omitir, esconder ou relativizar a real dimensão dos acontecimentos. Com Espártaco esta era uma necessidade premente: a grande República jamais poderia admitir ter sido quase vergada por um punhado de escravos, então vistos como seres sub-humanos. Além disso, quem iria escrever a visão dos escravos sobre os acontecimentos?² Condenados a uma experiência realmente sub-humana, teriam eles alguém letrado e capaz de captar os sentimentos, vontades e a sucessão dos eventos do ponto de vista de Espártaco, Críxus ou Gannicus? E, mesmo sendo esse o caso, permitiria a República a divulgação de um relato que envergonharia os pilares romanos e que mostraria os escravos com aspirações, vontades e desejos iguais aos de qualquer humano? Nunca.

Esta abordagem rápida às questões que terão “contaminado” as fontes clássicas que trouxeram até nós a história de Espártaco torna-se necessária e obrigatória para que a sucessão de eventos que de seguida iremos reconstituir não sejam confundidos com uma tentativa de reconstituir os factos tal e qual como ocorreram. Tal missão, que muitos gostariam de concretizar, provavelmente jamais será possível de o fazer. O que é possível e que faremos de imediato é

¹ Kurt A. Raaflaub, *“Between Myth and History: Rome’s Rise from Village to Empire”*, in *“Companion to the Roman Republic”*, p.135

² **“Não havia historiadores para contar as aventuras dos escravos, nem as suas vidas eram consideradas dignas de respeito; e quando os feitos dos escravos entravam na história, esta era escrita por alguém que possuía escravos, que os temia e os odiava”**, in Fast, Howard, *Spartacus*, Mem Martins, Europa-América, Maio 1974, p. 114

reconstituir a história tal e qual como vem relatada nas fontes que em alguns casos até se desmentem, contradizem e se confundem.

Por fim, e como até o mais bem intencionado historiador não consegue escapar ao seu enquadramento, ambições, opiniões e historial de vida, é igualmente importante ter uma ideia sobre quem são os autores cujos relatos consultámos para construir o esboço possível do que terá ocorrido entre 73 e 71 a. C. na península itálica. Encontramos referências sobre Espártaco – dignas de utilização, entenda-se – em cerca de 14 autores romanos e gregos, dos quais se destacam sobretudo cinco, seja pela extensão do relato sobre a revolta, seja por qualquer pormenor que acrescentam à mesma: falamos do incontornável Plutarco³, de Apiano⁴, Salústio, Orósio⁵ e Floro⁶. Deste conjunto, e por ordem cronológica, somente referir que Salústio foi o autor que viveu mais próximo dos eventos, já que teria 13 anos quando se deu a revolta, e Orósio o que escreveu desde a maior distância temporal, já no século V da nossa era.

1.1 Nota metodológica.

Antes de iniciarmos a reconstrução dos vários relatos sobre a revolta dos escravos que fez tremer Roma entre 73 e 71 a. C., tempo para uma nota sobre o método que já começámos a colocar em prática no ponto anterior deste trabalho. Sendo nosso objectivo principal não só revisitarmos os relatos que tornaram Espártaco num ícone da luta contra a opressão mas acima de tudo fazê-lo tendo como âncora o livro de Howard Fast publicado em 1951 – e que serviu de base à elevação deste trácio à escala global através do trampolim que é o cinema –, optámos por seguir um caminho metodológico que a nosso ver, podendo perder em ortodoxia, ganha em praticabilidade, facilidade de “digestão” e justiça.

Ao longo da reconstrução da revolta que se segue, e esporadicamente noutros pontos do trabalho, decidimos remeter desde já o leitor para algumas passagens seleccionadas no escrito de Fast que evidenciarão alguns exemplos onde o autor foi fiel aos relatos que encontrou nas obras dos autores clássicos que se debruçaram sobre Espártaco – que destacaremos através do recurso ao **bold** nas notas de rodapé, para identificação mais rápida. Com isto pretendemos não só evitar cair em repetições quando chegarmos ao capítulo onde analisamos o livro à luz das fontes, mas também contrariar eventuais ideias pré-concebidas de que existe uma gigantesca distância entre livro e fontes. A distância existe, é certo, e em certos aspectos é ampla, sendo essa a razão porque grande parte desse capítulo será a explicar o nível desse afastamento. Ainda

³ Historiador e biógrafo grego que viveu entre 46 e 119 d. C.. Escreveu cerca de 227 obras, das quais as “*Vidas Paralelas*” são sem dúvida as mais importantes e das mais procuradas pelos amantes da antiguidade clássica. Nestas, relata a vida e feitos dos romanos e gregos mais destacados, tendo-se ainda dedicado a escrever sobre moral, ética, política e literatura.

⁴ Historiador grego do século II d. C., que serviu o imperador Antonino Pio

⁵ Historiador cristão e teólogo, autor da “*História contra os Pagãos*”, onde aborda o “caos” em que estava o Mundo até à ascensão do Cristianismo

⁶ Historiador e poeta, do século II d. C.

assim, cremos fazer mais justiça à preocupação do autor com as fontes se evidenciarmos primeiro os aspectos em que foi fiel às fontes que, nota-se, estudou e analisou com profundidade para a elaboração do livro. Pretendemos no fundo evitar que o debate sobre o cunho ideológico que Fast imprime na sua obra acabe por anular a lembrança dos aspectos onde este foi fiel às fontes, risco que cremos seria mais elevado caso juntássemos os aspectos “fiéis e infieis” num mesmo capítulo – tal como o “fim de boca” de um vinho anula a impressão anterior. Mantendo a mesma imagem, queremos no fundo dar dois golos separados no que toca à fidelidade de Fast, libertando-nos ao mesmo tempo (e ao leitor) de sermos obrigados a repetir passagens das fontes que vamos precisar de utilizar agora.

Aproveitando esta viagem inicial à fidelidade ou não do livro de Howard Fast, é de salientar a consciência que o autor tem das questões historiográficas associadas às fontes que recorreu como matéria prima do seu trabalho, partilhando as mesmas com o seu leitor. Ao longo do livro são várias as passagens em que Fast nos introduz às problemáticas a que também nos referimos no ponto anterior – e que aproveitámos para iniciar a lógica metodológica das citações à obra de Fast. Assim, e além da citação presente na nota 2), Fast mantém o seu leitor atento à problemática historiográfica das fontes clássicas ao longo de todo o livro, como quando coloca Cícero⁷ a dizer que lhe caberá a si e aos seus escrever sobre a revolta, ou então recorrendo ao próprio trácio para abordar a mesma questão: “‘Quem escreverá acerca das nossas batalhas e sobre o que ganhámos e o que perdemos? E quem dirá a verdade?’ A verdade dos escravos era contrária à verdade dos tempos em que viviam. A verdade era impossível – era impossível porque não podia ser explicada no contexto das regras que nesse tempo regiam todas as coisas (p. 121-122).”

Saliente-se, por fim, que ao referenciarmos o leitor para as passagens de Fast que coincidem com o que encontramos nas fontes nem sempre – mas quase – estamos a deduzir que a inspiração do autor do séc. XX veio precisamente daquela passagem daquele autor, antes procuramos salientar os pontos de contacto entre o seu relato e os relatos originais sobre a revolta – eles próprios por vezes contraditórios. Veja-se por exemplo os casos em que Fast cola Espártaco à mitologia grega. Esta é uma associação que tanto pode ter nascido de uma rápida passagem que se encontra em Plutarco, que veremos já nas primeiras linhas do próximo ponto, como simplesmente por mero gosto e vontade do autor norte-americano, hipótese que nos parece mais provável, já que Fast não esconde o seu apetite pela mitologia grega. “Ele [Espártaco] era o seu chefe e o seu deus – pois não estavam eles persuadidos de que os deuses desciam ocasionalmente à Terra e não tinha o próprio Prometeu roubado o fogo sagrado do Céu para o ofertar, como a mais preciosa de todas as dádivas, à humanidade? E o que acontecera

⁷ “Morreram ou desapareceram todos os outros que contactaram com Espártaco. E quem irá escrever sobre ele? Gente como eu”, in Fast, p. 103

uma vez podia acontecer de novo (p. 128).” Aprofundaremos este ponto aquando da crítica à obra.

1.2 Espártaco: a imagem possível.

Gladiador na escola de Lentulus Batiatus, em Cápua, no Sul da Itália, Espártaco é apresentado por Plutarco⁸ como alguém que nasceu entre os povos nómadas da Trácia⁹ e dono de um grande espírito e força física. Depois de ser feito prisioneiro, acabou vendido como escravo em Roma. “Mas era mais inteligente e nobre que o seu destino, e mais grego¹⁰ que a sua origem poderia indiciar.” À época, relata Plutarco, dizia-se que a mulher de Espártaco era sacerdotisa de Dioniso e que teria fugido com ele aquando da saída de Cápua. Apiano, por seu turno, acrescenta que Espártaco antes de ser prisioneiro fez parte do exército romano, ideia confirmada por Floro, que detalha que Espártaco era mercenário, depois “começou a vida como um soldado remunerado na Trácia, tornando-se depois um desertor, de seguida um bandido¹¹ e finalmente – num tributo à sua imensa força – um gladiador¹²”. A força surge novamente salientada como atributo, ideia que reencontramos também em Salústio¹³, que atribui uma imensa força e espírito a Espártaco.

Apesar de todas as referências ao estatuto de prisioneiro que levou Espártaco a ser obrigado a tornar-se gladiador, nota para o brevíssimo apontamento deixado por Varro, autor que todavia se dedicou mais sobre temas agrícolas: “Apesar de ser inocente, Espártaco foi condenado à escola de gladiadores¹⁴.” De Plutarco quase nos chega a mesma ideia, ainda que menos explícita e mais genérica, já que o biógrafo refere que os gladiadores de Cápua “eram instigados a combater como gladiadores não pelos crimes que cometeram mas pelo comportamento injusto dos seus donos”¹⁵.

Em termos de descrições directas são poucas as referências que encontramos nas fontes a propósito da figura de Espártaco além das supracitadas, ainda que seja possível extrair outro tipo de características do trácio a partir dos relatos. Destas, destaque para as passagens onde Espártaco surge a tentar conter os excessos do seu “exército” de escravos¹⁶, ainda que com

⁸ Plutarco, *Vida de Crasso*, 8.2-3

⁹ Povo indo-europeu, de grandes e variadas tribos, que ocupava a região onde hoje encontramos a Bulgária, Roménia, Moldávia e partes da Grécia e da Turquia

¹⁰ A tal associação que Plutarco faz entre Grécia e Espártaco. Fast será recorrente neste ponto, como em: “**David** [um dos escravos foragidos] **não esqueceu jamais a primeira vez que ouviu Espártaco recitar versos da Odisseia (...) No seu espírito, David identificava Espártaco com Ulisses, o paciente e sábio Ulisses**”, in Fast, p. 197-198

¹¹ “**Segundo os documentos oficiais, ele era um mercenário trácio e um salteador de estradas**”, in Fast, p. 103

¹² Floro, *História de Roma*, 2.8.4-6, citado em Shaw, Brent D., *Spartacus and the Slave Wars*, Univ. of Pennsylvania, 2001, p. 154

¹³ Salústio, *Fragmentos*, citado em Shaw, Brent D., *Spartacus and the Slave Wars*, Univ. of Pennsylvania, 2001, p. 145

¹⁴ Varro, *Sosipater Charisius*, citado em Shaw, Brent D., *Spartacus and the Slave Wars*, Univ. of Pennsylvania, 2001, p. 156

¹⁵ Plutarco, *op. cit.*, 8.1

¹⁶ Salústio, citado em Brent D. Shaw, p. 148

sucesso limitado, numa ideia reforçada pelas referências ao seu carácter pragmático¹⁷ ou que o apresentam com uma mente mais nobre e prudente que muitos do que o acompanhavam¹⁸. Floro salienta ainda que o gladiador trácio era “um verdadeiro general”, isto apesar de achar a ideia ridícula: “Nem sei o que chamar à guerra iniciada sobre a liderança de Espártaco. Pois quando escravos servem como soldados e gladiadores como comandantes – os primeiros, homens do mais baixo nível, os segundos, os de pior nível – estão a juntar a paródia ao desastre¹⁹.”

Em relação à liderança da revolta por Espártaco²⁰ referida por Floro, esta não é uma ideia que se possa considerar consensual nas fontes: alguns autores salientam que o trácio liderou os escravos desde a primeira hora – Apiano, Veleio Patercolo²¹, além de Floro – outros como Plutarco não nomeiam líderes específicos aquando da eclosão da revolta, enquanto Orósio refere um triunvirato entre Crixus, Oenamaus e Espártaco. Menos consensual ainda é a postura do gladiador trácio perante a perspectiva de levar a turba de escravos a marchar directamente contra Roma. Apiano e Floro asseguram que era esse o desejo de Espártaco, algo recusado por Salústio, que atribui maior ponderação ao gladiador: “Crixus e os seus, que eram gauleses e germanos, queriam marchar directamente contra o inimigo para forçar um confronto. Espártaco, por outro lado, aconselhou um rumo diferente²².” Também Plutarco atribui uma maior noção da realidade, digamos assim, a Espártaco: “Percebendo que era improvável conseguir derrotar as forças de Roma, Espártaco decidiu liderar o seu exército até aos Alpes²³.” Mas já nos estamos a precipitar na história. Tempo então de reconstruir relatos.

1.3 – A revolta.

A obrigação de lutar para o entretenimento da multidão ou dos romanos mais abastados²⁴ terá sido a principal razão que levou ao desencadear da “revolta dos gladiadores e a destruição de Itália que a maioria das pessoas chama a Guerra de Espártaco” na visão de Plutarco e Apiano, que falam do que era esperado destes gladiadores imediatamente antes de relatarem o início da revolta. Plutarco vai mais longe, informando que a obrigação de lutar para o gáudio alheio não vinha de qualquer crime que os gladiadores tivessem cometido mas pelo comportamento injusto dos seus donos (nota 15). Já Floro dá-nos uma visão mais romana da questão: “Apesar dos escravos serem pessoas maltratadas e castigadas de todas as formas possíveis, não deixam de ser

¹⁷ Como quando proíbe a compra de metais preciosos e concentra recursos na aquisição de material para armas, se liberta do excesso de carga e dos prisioneiros para marchar sobre Roma ou se mostra consciente que os escravos serão crucificados caso sejam apanhados, in Apiano, *As Guerras Cívicas*, 1.14.117-119

¹⁸ “Alguns dos escravos, que eram homens prudentes e de mente livre e nobre.... apoiaram [o conselho?]... e decidiram que deviam seguir a sugestão de Espártaco. Outros foram estúpidos e insensatos...” in Salústio, citado em Brent D. Shaw, p. 147

¹⁹ Floro, *História de Roma*, 2.8.4-6, citado em Brent D. Shaw, *op. cit.*, p. 154-155

²⁰ “Espártaco pôs-se de pé e dezenas de gladiadores imitaram-no. Os treinadores fizeram estalar de novo os chicotes e brandiram os punhais, mas os gladiadores lançaram-se contra eles e mataram-nos em poucos instantes”, in Fast, p. 116

²¹ Soldado e político romano, apontado como “historiador amador”, nascido a 19 a.C. e que morreu depois de 30 d.C.

²² Salústio, citado em Brent D. Shaw, p. 147

²³ Plutarco, *op. cit.*, 9.5

²⁴ “Doze vezes combatera, oito no grande anfiteatro de Cápuia, com a multião a ulular enlouquecida pelo sangue, instigando-o, quatro na arena particular de Batiatus para a edificação de ríçaos entendidos na carnificina”, Fast, p. 82

um tipo de ser humano, ainda que inferior²⁵, também capazes de aspirar aos benefícios da liberdade como nós.²⁶»

O total de escravos envolvidos no início da revolta é um dos pontos onde o consenso é apenas parcial, com a maioria das fontes²⁷ a apontarem para a fuga de entre 70 a 74 escravos da escola de Batiatus, sendo que Plutarco detalha que a revolta começou com 200 escravos²⁸ mas que menos de metade destes tiveram sucesso, culpa de uma traição que deu a conhecer o plano de fuga e reduziu a taxa de sucesso do mesmo. A revolta eclodiu durante as horas de refeição, com os escravos a tomarem quaisquer objectos afiados presentes na cozinha para assaltarem os guardas dos seus captos²⁹.

Fora dos portões da escola de gladiadores de Cápua os escravos cruzaram-se com alguns vagões que transportavam armas para uma escola de gladiadores de outra cidade, tomaram-nas e armaram-se com as mesmas. Foi com estas que repeliram a primeira reacção das autoridades, derrotando os primeiros guardas enviados por Cápua aos quais roubaram o armamento, melhorando desta forma o seu arsenal, conta Plutarco, que acrescenta: “Largaram com felicidade as armas de gladiadores, que viam como desonrosas e bárbaras.³⁰” Versão ligeiramente diferente tem Apiano³¹, que refere que depois da fuga os gladiadores armaram-se com paus e adagas de viajantes com que se cruzaram. Unânime é o destino que os fugitivos tomaram: o Vesúvio.

1.4 – A reacção de Roma.

As notícias sobre o sucesso da revolta fizeram com que muitos escravos das redondezas de Cápua optassem também eles por fugir e juntar-se aos gladiadores, isto além daqueles que os próprios foram libertando à medida que avançavam. Se nesta primeira fase Floro contabiliza em dez mil a força total dos escravos, depois dos primeiros embates com forças enviadas desde Roma Apiano já aponta para um “exército” de 70 mil junto a Espártaco. Até ao final desta guerra, estas fileiras engrossariam até entre 90 a 241 mil homens, mulheres e crianças a lutar lado-a-lado contra a poderosa Roma, segundo números agora citados por Veleio Patercolo³².

²⁵ Fast faz várias referências ao entendimento dos escravos como infra-humanos por parte dos romanos e de como estes os tratavam. Dois exemplos: “Era melhor atrelar dois escravos ao arado do que um cavalo, pois nunca existira um cavalo que pudesse aguentar o tratamento desumano dispensado aos escravos”, p. 35, ou “Os nossos carregadores [de liteira] foram, desde a infância, treinados a chicote (...) e ainda que sejam fortes, a sua mentalidade não é superior à dos animais”, p. 27

²⁶ Floro, citado em Brent D. Shaw, p. 153

²⁷ Plut. *op. cit.*, 8.2; Api. *op. cit.*, 1.14.116; Tito Lívio, *Periochae*, 95; e Salústio, citado em Brent D. Shaw, p.145;

²⁸ “Tinham actuado com rapidez, mas não com a bastante para surpreender os soldados (...). Assim, 54 homens pesadamente armados enfrentavam os 200 gladiadores nus e quase sem armas”, Fast, p. 118

²⁹ “Apoderaram-se (...) de tudo aquilo que encontraram na cozinha que pudesse ser utilizado como arma: as facas, as machadinhas, os espetos, os pilões (...), e as tampas das panelas, que serviriam de escudo”, Fast, p. 118

³⁰ Plutarco, *op. cit.*, 9.1

³¹ Apiano, *op. cit.*, 1.14.16

³² Floro, citado em Brent D. Shaw, p. 154; Apiano, *op. cit.*, 1.14.116; Em relação aos entre 90 mil e 241 mil que citamos de Veleio, tal ocorre porque Brent D. Shaw, que coloca em 241 mil (p. 153), alerta para o facto do manuscrito estar corrompido. Outra tradução por nós consultada refere 90 mil.

Sendo certa a grande incongruência em relação aos números e à força que os gladiadores reuniram à sua volta, a ideia essencial é transmitida igualmente por Floro: “Com a chegada diária de reforços, já se conseguiam formar e organizar como um verdadeiro exército.”

O primeiro enviado de Roma foi o praetor Claudius Glaber, que, diz Plutarco, trouxe consigo três mil homens. Mas estes não eram uma força profissional, antes os primeiros que se conseguiram arregimentar, pois a revolta ainda era vista por Roma como algo fácil de resolver, diz-nos Apiano. Sabendo do refúgio dos escravos no Vesúvio, Glaber decide bloquear o único acesso ao reduto onde os revoltosos se encontravam, encostando-os às íngremes ravinas do monte. Mas estes obstáculos, que Glaber julgava intransponíveis, foram superados pela turba de escravos e gladiadores. Segundo Plutarco e Floro³³, estes cortaram as vinhas que encontraram no local onde se tinham refugiado, fizeram destas escadas e desceram as ravinas pelas mesmas. Superados os obstáculos, o “exército” atacou de surpresa os homens de Glaber, derrotando-os e capturando o seu acampamento. Segundo Orósio³⁴, foi neste primeiro embate que morreu o primeiro dos três líderes da revolta, Oenamaus.

Seguiram-se dois novos enviados de Roma, Publius Varinius e Lucius Cossinius, ambos derrotados nos vários confrontos que foram tendo com as forças rebeldes e que resultaram em milhares de fatalidades para ambos os lados. O segundo acabou mesmo morto e a derrota do primeiro, coroada pela captura do cavalo do comandante romano, “tornou Espártaco numa figura famosa e que provocava receio³⁵”. Roma começava a tomar consciência que esta não era uma revolta qualquer, dados os relatos³⁶ que lhe chegavam da frente de batalha: “Varinius enviou para Roma o seu Quaestor Toranius para relatar a verdade dos acontecimentos tal como se passaram por alguém que os testemunhou”, diz-nos Salústio³⁷, que atribui a responsabilidade desta derrota à displicência e à falta de mão sobre os soldados deste comandante romano³⁸.

“Nesta altura, já não era a ingloria e a vergonha de lidar com uma revolta de escravos que humilhava o Senado. Antes foi por causa do medo e do perigo da situação que decidiram enviar os dois cônsules juntos para a guerra, tal como fariam com qualquer outra guerra regular desta dificuldade e magnitude³⁹.” Já do outro lado da barricada, Espártaco estava cada vez mais consciente da pesada factura que as sucessivas batalhas com os romanos estavam a passar às

³³ Plutarco, *op. cit.*, 9.2; Floro, citado em Brent D. Shaw, p. 154

³⁴ Orósio, citado em Brent D. Shaw, p. 151

³⁵ Plutarco, *op. cit.*, 9.4

³⁶ A derrota de Varinius e a tomada de consciência de Roma da real dimensão da revolta através de um enviado da frente de batalha também surge em Fast, mas com ligeiras alterações e maior desenvoltura literária: **“Outros homens têm raízes, um passado, um começo, uma terra, uma pátria... mas Espártaco nada possuía. Nascera dos lábios de um soldado que sobrevivera e cujo regresso a Roma fora possível apenas por vontade de Espártaco, exactamente com o objectivo de ele se dirigir ao Senado para dizer: eis como era este homem, Espártaco”**, Fast, p. 158

³⁷ Salústio, citado em Brent D. Shaw, p. 146

³⁸ **“Afirmaram que Variunius queria levantar fortificações mas que os comandantes dos regimentos se opuseram. Os homens contaram ainda que, mesmo que todos concordassem, não tínhamos sapadores connosco, e que toda esta expedição fora mal planeada”**, in Fast, p. 153

³⁹ Plutarco, *op. cit.*, 9.6

suas forças, tendo decidido por esta altura avançar com o seu exército em direcção à Gália, de onde os seus “soldados” poderiam partir livremente para as suas pátrias. Nem todos concordaram. Iludidos pela confiança de vitórias anteriores, parte dos revoltosos separou-se do grupo, desejando iniciar vastas pilhagens por Itália fora enquanto marchavam em direcção a Roma.

Os cônsules enviados por Roma tiveram sortes iniciais distintas. Gellius Publicola aproveitou a cisão entre os escravos e arrasou com o grupo de cerca de 30 mil dissidentes liderado por Crixus, matando dois terços desta força, incluindo aquele que era apontado como outro dos três líderes da rebelião. Já Gnaeus Lentulus, o outro cônsul, atacou os homens com Espártaco e foi não só derrotado, como perdeu todos os mantimentos e equipamentos para os revoltosos. O trácio ainda vingaria a derrota dos dissidentes às mãos de Publicola mas, com a morte de Crixus, sobrava ele como líder, então à frente de uma força de 120 mil pessoas. À noite decidiu sacrificar 300 prisioneiros em honra de Crixus⁴⁰ e prosseguir em direcção à Gália.

Coube ao governador da Gália Cisalpina travar o avanço dos escravos com uma força de dez mil homens. Cassius Longinus, apesar de bem sucedido no seu bloqueio, acabaria igualmente derrotado pelo exército dos escravos. “Depois também o proconsul Caius Longinus foi igualmente derrotado e morto por Espártaco. O terror espalhou-se pela cidade de Roma, tal como quando Aníbal ameaçou os seus portões”, detalha o teólogo Orósio⁴¹. Para o Senado isto foi a gota de água, hora de chamar os seus melhores.

“Quando o Senado soube destes acontecimentos ordenou aos seus cônsules que suspendessem imediatamente as operações e escolheu Crasso como o general que devia ser posto à frente da guerra”, explica Plutarco⁴², com Apiano a acrescentar que já nos encontrávamos no terceiro ano da guerra e que longe iam os dias em que a revolta era um assunto digno de chacota em Roma, tanto que “quando chegou a hora de seleccionar novos comandantes, todos os homens foram assaltados por um medo mórbido e nenhum se ofereceu. Finalmente, Marco Licínio Crasso, um homem de prestígio entre os romanos pelo seu berço e riqueza, foi nomeado⁴³”.

1.5 – O “acerto” Crasso

Ladeado por muitos nobres romanos, que se juntaram a Crasso tanto pela sua reputação como pela amizade, o general rapidamente percebeu que precisava de dominar os seus homens, uns demasiado receosos de Espártaco, outros com demasiada vontade de enfrentá-lo. Enquanto assentava o seu acampamento e tropas, Crasso enviou Mummius, seu legado, com duas legiões

⁴⁰ Apiano, *op. cit.*, 1.14.117

⁴¹ Orósio, citado em Brent D. Shaw, p. 152

⁴² Plutarco, *op. cit.*, 10.1

⁴³ Apiano, *op. cit.*, 1.14.118

flanquear a posição do trácio, de modo a ter forças tanto de frente como por trás do exército escravo. Apesar das ordens para ficar perto dos revoltosos mas não iniciar batalha, Mummius assim que vislumbrou uma oportunidade atacou. “Muitos dos seus homens morreram e muitos outros fugiram do campo de batalha deixando as armas para trás.” Confrontado com esta desobediência e derrota, a decisão de Crasso foi simples: tinha que se tornar mais temido que o próprio Espártaco.

Quando Mummius voltou ao acampamento e os seus homens foram rearmados, o general impôs a estes “um antigo castigo ancestral em desuso já há muito tempo”, separando os 500 militares que fugiram primeiro de Espártaco e dividindo-os em 50 grupos de 10. “Depois, executou um homem de cada um dos grupos (...). É uma morte horrenda no seu modo de execução: muitas coisas terríveis são feitas durante a imposição do castigo enquanto todos os outros soldados são obrigados a assistir como espectadores⁴⁴”, avança Plutarco, sem grandes detalhes sobre o tipo de morte em causa. Já Apiano dá conta que este episódio poderá ter tido contornos ligeiramente diferentes: este autor refere por um lado que o castigo foi imposto mal Crasso chegou junto das legiões dos cônsules antes no comando da perseguição aos revoltosos mas admite também que “alguns dizem” que o castigo só surgiu depois do próprio Crasso ter sofrido uma primeira derrota e que o mesmo visou todos os romanos presentes. “A ser verdade, significa que foram executados quatro mil homens⁴⁵ e nem a perspectiva de tal número de execuções impediu Crasso de avançar com o castigo⁴⁶.” Apiano conta que as execuções tiveram o efeito desejado: “Para os homens, Crasso tornou-se mais ameaçador que o inimigo.” Hora de atacar.

As legiões romanas avançaram rapidamente para cima das forças rebeldes, atacando de imediato um outro grupo de dez mil escravos dissidentes, dos quais dois terços terão morrido. Seguiu-se a perseguição a Espártaco, com o palco da batalha a decorrer já a Sul da península itálica. O trácio tentava agora levar o seu exército de homens, mulheres e crianças para a Sicília⁴⁷, “onde esperava reacender as chamas das anteriores guerras de escravos na região⁴⁸”, tendo para isso acordado com piratas cilícios um transporte. Como bons piratas, os cilícios aceitaram o acordo, receberam o seu preço mas desapareceram à última hora. Os inimigos de Roma estavam agora na ponta da bota da península itálica e num instante deram por si novamente presos.

Crasso, mantendo-se a par das movimentações dos rebeldes, aproveitou o facto de estes se terem aproximado da costa para os fechar na península onde contavam com o transporte cilício, tendo

⁴⁴ Plutarco, *op. cit.*, 10.1-3

⁴⁵ “Mandou postar em linha cinco mil homens da 7ª legião e um em cada dez recebeu ordem de sair da forma e fora executado por cobardia”, in *Fast*, p. 183

⁴⁶ Apiano, *op. cit.*, 1.14.118

⁴⁷ Fast não se esquece das revoltas sicilianas e coloca-as como catalisadoras do início da decisão de Espártaco em revoltar-se: “Muitas noites, estirado no chão, a cabeça junto à porta, Espártaco ouvira de Críxus a história das intermináveis lutas dos escravos sicilianos, iniciadas mais de meio século antes”, p. 112

⁴⁸ A primeira, entre 135 a.C. e 132 a.C. e a segunda entre 104 a.C. e 100 a.C.

para isso avançado com a construção de uma muralha e de um fosso, ambos com cerca de 56 quilómetros e 15 pés de profundidade e espessura⁴⁹. A rebelião estava confinada a este pequeno espaço. Ou estaria? Confrontados com a escassez de mantimentos, as forças de Espártaco arriscaram tudo: “Espártaco conseguiu escapar da trincheira que Crasso construiu ao enchê-la durante a noite com corpos de prisioneiros e gado que mataram e escalando por cima destes”, conforme explica Júlio Frontino⁵⁰ na colecção que fez sobre estratégias militares. Apesar de bem sucedido, certo é que apenas um terço⁵¹ dos homens, mulheres e crianças conseguiram atravessar a barreira romana. “Crasso matou cerca de seis mil apoiantes de Espártaco de manhã e um número semelhante ao cair do dia. Apenas três romanos morreram e sete ficaram feridos nos confrontos, tal a mudança na atitude dos soldados romanos depois do recente castigo⁵².”

O número total de revoltos não parava assim de ir caindo a cada batalha e obstáculo atravessado, tornando-se cada vez mais incapaz de se apresentar como uma ameaça séria face a um poderio romano que já não admitia excessos de confiança. Se os revoltosos já eram poucos, menos ficaram quando registaram nova cisão, agora com Gannicus a liderar um novo grupo. Estes foram rapidamente atacados por Crasso que só não os destruiu por completo porque as forças de Espártaco juntaram-se à batalha, levando à dissolução da mesma. Segundo Plutarco, morreram nesta ocasião 12 300 escravos, dos quais “apenas dois tinham feridas nas costas. Todos os outros defenderam a posição, mantiveram-se na frente e morreram a combater⁵³.” No seguimento desta batalha, Espártaco e os sobreviventes foram perseguidos por alguns romanos. Mas os revoltosos em fuga decidiram voltar-se e atacar de frente os seus perseguidores, derrotando-os. “Este sucesso destruiu o exército de Espártaco. Foi neste momento que um bando de mero fugitivos caiu no excesso de confiança. Não aceitavam mais tácticas que pressupunham constantes recuos e fugas e deixaram de obedecer aos líderes.” Assim, forçaram Espártaco a liderar o exército de volta ao campo de batalha, “precisamente o que Crasso queria⁵⁴”. O general nesta altura já temia a chegada de Pompeio Magno da Hispânia e o risco de ser este a dar a estocada final na revolta. Era hora de acabar de vez com a guerra.

Foi desta forma que os dois lados deram por si numa ânsia pelo derradeiro encontro. Decididos a não virar mais as costas ao poderio romano, o exército de Espártaco colocou-se em direcção às forças de Crasso que, desejoso de resolver o assunto antes da chegada de Pompeio, apressou-se em direcção aos escravos. Estes, mal deram pelas forças romanas a construir trincheiras

⁴⁹ Plutarco, *op. cit.*, 10.5 – O historiador grego, na tradução usada por Shaw, fala num comprimento de “three hundred stades”, que Shaw converte para “cerca de 35 milhas”, valor que convertemos para quilómetros.

⁵⁰ Político do império romano, que viveu entre 40 e 103 d.C., tendo escrito um relatório sobre os aquedutos de Roma mas também obras sobre ciência militar, que se perderam, e sobre estratégias de guerra utilizadas por gregos e romanos. A passagem que citamos encontra-se em Julio Frontino, *Estratégias*, 1.5.20

⁵¹ Plutarco, *op. cit.*, 10.6

⁵² Apiano, *op. cit.*, 1.14.119

⁵³ Plutarco, *op. cit.*, 11.3

⁵⁴ Plutarco, *op. cit.*, 11.4-5

defensivas, saltaram para dentro das mesmas e deram início à batalha final. “Com tantas dezenas de milhares de homens desesperados envolvidos, o resultado foi uma batalha de proporções épicas”, diz Apiano⁵⁵. Ao ver cada vez mais homens a saltarem para dentro das trincheiras, o trácio procurou reorganizar o seu exército. “Quando lhe trouxeram o seu cavalo, Espártaco puxou a espada e gritou que se ganhassem a batalha teria muitos cavalos por onde escolher mas, que se perdessem, não iria precisar de qualquer cavalo. Dito isto, matou o cavalo⁵⁶”, conta Plutarco⁵⁷. Depois o encontro com a morte: “Através de armas e dos feridos, Espártaco correu em direcção a Crasso⁵⁸. Nunca chegou até ao romano mas matou dois centuriões, que caíram com ele. No fim, quando foi abandonado por todos os que o rodeavam, Espártaco ficou sozinho. Cercado por muitos inimigos, acabou retalhado enquanto se defendia”, ainda nas palavras de Plutarco.

Apesar da morte do líder dos revoltosos, um grupo de cerca de cinco mil escravos conseguiu fugir do derradeiro terreno de confronto entre Espártaco e Crasso, tendo estes sido travados por Pompeio que, desta forma, viria a reclamar os louros por ter dado a estocada final na revolta. No total, cerca de 6000 escravos foram capturados ainda com vida e o seu destino foi cruel: Foram crucificados ao longo dos 201 quilómetros da estrada que então ligava Cápua a Roma, que assim passou a contar com um escravo crucificado a cada 34 metros⁵⁹.

2 – A recepção de Espártaco.

“Espártaco não é, hoje, mais do que um fantasma, e amanhã o fantasma dissipar-se-á. Daqui a dez anos ninguém se lembrará do seu nome. E porque haveria alguém de se lembrar? Existe alguma história sobre a guerra servil? Espártaco não construiu; contentou-se apenas em destruir. E o mundo guarda na sua memória somente os que edificam algo que perdure. -Ele construiu a esperança;

-Varínia, repetes sempre as mesmas coisas, como uma menina. Ele construiu a esperança? A esperança para quem? E onde param essas esperanças agora?”⁶⁰

Morto Espártaco e resolvida a terceira guerra de escravos, Roma acreditou ter este assunto definitivamente encerrado e resolvido, especialmente dada a forma como viu relatados os

⁵⁵ Apiano, *op. cit.*, 1.14.120

⁵⁶ Fast usa, embeleza e aumenta este episódio: “Então trouxeram-lhe o belo cavalo branco (...). Depois desembainhou a espada e, com um gesto de relâmpago, mergulhou-a no peito do animal, que caiu sobre as patas (...). Queríeis que eu me batesse montado num cavalo? Deixai os cavalos aos romanos. Combato a pé, ao lado dos meus irmãos. Se ganharmos a batalha, hoje, teremos muitos cavalos, que atrelaremos a arados, não a bigas. E se perdermos... não precisaremos de cavalos.” p. 214

⁵⁷ Plutarco, *op. cit.*, 11.6

⁵⁸ “Conseguiu vencer metade da distância que nos separava. Deve ter matado pelo menos dez ou onze homens nessa última corrida desesperada e só parou quando o fizeram em pedaços.”, in Fast, p. 30

⁵⁹ “As jovens não podiam desviar os olhos do homem morto, pendurado na cruz. O seu corpo nu, enegrecido pelo sol, dilacerado pelas aves de rapina, estava precisamente sobre elas. Corvos esvoaçavam em seu redor. Moscas passeavam-lhe pela pele. O corpo pendente da cruz parecia estar sempre a cair, sempre em movimento, o movimento grotesco dos mortos (...). Entre Roma e Cápua, sabeis quantos? Seis mil quatrocentos e setenta e dois”, in Fast, p. 10

⁶⁰ Fast, p. 246

acontecimentos anos depois por aqueles que então se dedicavam a escrever a história e as biografias, algo de que Howard Fast também dá conta no seu romance, por exemplo na passagem supracitada. Por vários séculos, a República teve razão. Pouco depois de Espártaco, César, Pompeio e Crasso colocaram Roma a caminho do Império consolidado por Augusto, que, curiosamente, deverá a sua alcunha de criança (“Thurinus”) ao trácio, segundo relata Suetónio⁶¹, biógrafo romano e antiquário que viveu entre 69 e 122 d.C. Assim, e mesmo com a revolta a ter a espaços referências nas fontes, estas concentraram-se essencialmente na participação de Crasso na contenda ou no retrato de como os escravos eram criaturas capazes de feitos abomináveis – à exceção de Plutarco, que é grego, note-se – do que por qualquer outra razão. Assim a história de Espártaco caiu num longo *intermezzo* de séculos. Caberia à Ópera e às suas raízes clássicas recuperá-lo.

É preciso esperar até ao séc. XVI para voltarmos a encontrar o tópico de Espártaco novamente abordado com alguma atenção, ainda que muito relativa, já que o trácio começa a surgir referenciado em debates sobre a história de Roma e seus sistemas judiciais e em discussões introdutórias sobre diferentes tipos de rebelião e a sua divisão entre as que são simples revoltas e as que podem ser vistas como guerras. Foi com Jean Bodin⁶² e os “Seis Livros da República”, onde se coloca a debate a fronteira a partir da qual uma resistência pode ser justificada, que estes debates ganharam eco. Mas Espártaco não era mais que um pequeno exemplo, por vezes referido, outras nem por isso. Mesmo nas obras que versavam sobre a história e a organização da escravatura em Roma pouco ou nada era revelado sobre aquele que é hoje o grande ícone da resistência à sociedade romana assente numa economia escravagista. Mas se os historiadores não perceberam desde logo a força desta personagem, coube à indústria do entretenimento de então começar a tomar conta do legado de Espártaco.

“Tudo começou com a Ópera intitulada ‘Espártaco’, composta pelo napolitano Giuseppe Porsile” detalha Brent D. Shaw⁶³. Com raízes que remontam à tragédia grega, as temáticas mais visadas pelas óperas desde o seu nascimento baseavam-se na mitologia greco-romana, tendo Porsile inovado neste aspecto, ao tentar trazer para os palcos registos históricos greco-romanos. Mas o argumento do napolitano, estreado em Fevereiro de 1726, nada representava da história de Espártaco, à exceção de nomes e da localização: o trácio era afinal rei de Cápua cuja filha estava destinada a casar-se com Licínio Crasso – a ironia... – por quem, contudo, esta não sentia qualquer amor. Então era difícil fazer melhor, dada a falta de bases históricas por onde trabalhar o tema, diga-se. Até meados do século XVIII, contudo, já a historiografia começava a construir uma ideia mais sólida sobre a terceira guerra dos escravos, que lentamente ia reclamando cada

⁶¹ Suetónio, *Vida de Augusto*, 3.1

⁶² Jurista, professor de Direito e historiador francês, que viveu entre 1530-1596

⁶³ Shaw, Brent D., *Spartacus before Marx*, Princeton University, Novembro 2005, Versão 2.2, p.6, disponível em: <http://www.princeton.edu/~pswpc/pdfs/shaw/110516.pdf>

vez mais espaço nas diferentes compilações e colectâneas históricas, ainda que este continuasse a ser bastante relativo.

2.1 - O Espártaco iluminista.

“Uma guerra justa, de facto, a única guerra justa da História⁶⁴.” Foi assim que Voltaire⁶⁵ definiu a revolta liderada por Espártaco, tendo este autor sido um dos mais determinantes impulsionadores de Espártaco tanto para o mundo da História como para o dos Mitos. Em 1730, Voltaire escreveu a tragédia “Brutus”, peça que apelava a sentimentos anti-monárquicos que só encontraria uma imensa aceitação já em plena Revolução Francesa.

Também Rousseau⁶⁶ foi determinante para criar o enquadramento social necessário para o lançamento da revolução de 1789 como, ao mesmo tempo, aumentar a força ideológica da revolta dos escravos de 73-71 a.C, dedicando grande parte da sua obra à defesa dos direitos e liberdades dos cidadãos e ao livre-arbítrio destes. O crescente desejo de maior liberdade individual, igualdade e pelo fim de regimes absolutistas vistos como cada vez mais opressivos começava a criar as bases para a explosão do mito de Espártaco. A isto juntavam-se os imensos problemas relacionados com a escravatura nas colónias francesas. “Os anos de 1760, apenas uma década antes da Revolução Americana e a três da Revolução Francesa, foi o marco temporal em que Espártaco foi escolhido como uma importante figura histórica”, sintetiza Shaw⁶⁷.

Caberia agora a um “discípulo” de Voltaire recuperar de vez o trácio. E tal aconteceu em Fevereiro de 1760, com a peça “Espártaco: uma tragédia em cinco actos”, de Bernard-Joseph Saurin (1706-1781), também ele com um historial de perseguições na família, no caso religiosas. Saurin escreveu a peça sobre incentivo de Voltaire e inspirado no momento ideológico que se vivia: a procura e a defesa das liberdades individuais, precisamente o tópico que empurrou Voltaire, Rousseau e Saurin a olhar com redobrada atenção para o obscuro trácio que 1830 anos antes se tinha revoltado contra a toda-poderosa Roma. Mas se Espártaco revoltou-se contra a escravidão, agora as revoltas que se pretendiam eram em nome da liberdade individual de cada cidadão. “O *motto* da Revolução Francesa – liberdade, igualdade e fraternidade – também se aplicava às batalhas de Espártaco: também ele lutava pelos direitos dos homens”, sintetiza Kaltsas⁶⁸.

⁶⁴ Voltaire, *Oeuvres*, vol. 9, *Correspondance Générale*, p. 461-463, Carta nº283 de 5 de Abril de 1769, citada por Kaltsas, Christopher, *Spartacus Mythistoricus*, Wesleyan University, Abril 2011, p. 30-31, disponível em: http://wescholar.wesleyan.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1701&context=etd_hon_theses

⁶⁵ François-Maria Arouet, vulgo Voltaire (1694-1778), escritor, ensaísta e filósofo iluminista francês, grande defensor das liberdades individuais e da separação entre igreja e Estado.

⁶⁶ Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), escritor, ensaísta, filósofo e compositor iluminista francês.

⁶⁷ Shaw, *Spartacus before Marx*, p. 9

⁶⁸ Kaltsas, *op. cit.*, p. 32

Passada a década revolucionária, cujos principais instigadores ideológicos não chegaram a assistir, França cairia nas mãos de Napoleão que levaria a guerra um pouco por toda a Europa e suas colónias, mergulhando o Velho Continente num novo rol de guerras fratricidas. As revoluções liberais começariam a tentar disseminar-se depois disso, mas seria apenas na segunda metade do século XIX, já passadas as tentativas revolucionárias de 1848 e em plenos avanços iniciais da industrialização, da ascensão do marxismo, das unificações alemã e italiana e do romantismo, que Espártaco regressaria ao “mundo dos vivos”, agora bem mais ramificado e geograficamente abrangente.

2.2 – O Espártaco marxista.

“Para recreação, tenho passado as noites a ler as Guerras Civis de Apiano no original em grego⁶⁹.” Assim começa uma das mais famosas referências a Espártaco. Estávamos em Fevereiro de 1861 e Marx escrevia a Engels desde Londres, queixando-se de alguns problemas de liquidez à conta da crise nos Estados Unidos⁷⁰ e também dos livros que desapareceram⁷¹ da biblioteca que foi construindo ao longo dos anos, guardada na cidade de Colónia, Alemanha. Adiante, lamenta-se da falta de tempo para se manter a par da evolução da situação nos EUA através dos jornais, admitindo então que se tem dedicado a Apiano: “Espártaco emerge como uma das mais importantes figuras de toda a história da Antiguidade. Um grande general (nenhum Garibaldi), de carácter nobre, um verdadeiro representante do proletariado dos tempos antigos. Pompeio uma bela merda; adquiriu uma falsa fama através de apropriações ilícitas.”

Não é despidendo o facto do contacto de Marx com a figura de Espártaco ter ocorrido através dos escritos de Apiano⁷², muito pelo contrário. É que Apiano é a única das fontes que se debruçou sobre a revolta de 73-71 d.C. que aborda uma questão-chave para Marx, vejamos: “Como Espártaco dividia os lucros dos *raids* em partes iguais, atraiu rapidamente um grande número de seguidores⁷³.” Segundo Apiano, o trácio não só se revoltou contra a tirania e a opressão como promoveu uma lógica onde a igualdade na distribuição dos rendimentos imperava⁷⁴.

A figura de Espártaco como líder e condutor da maioria da população, conseguindo impor uma relação equilibrada face à força das elites e que eclodiu ainda no Iluminismo com Voltaire e

⁶⁹ Carta de Marx para Engels, 27 Fevereiro 1861, em *Karl Marx, Friedrich Engels – Collected Works*, vol. 41, 1860-1864, Galina Kostryukova e Galina Voitenkova (org.), Peter Ross, Betty Ross (trad.), Eric Hobsbawm e Nicholas Jacobs (ed.), Lawrence & Wishart, s.d, p. 265

⁷⁰ Que mergulharia na guerra civil (1861-1865) menos de dois meses depois.

⁷¹ Desapareceram livros de Fourier, Goethe, Herder, Voltaire, e “muitos volumes de autores gregos clássicos”, detalha.

⁷² Muito sinteticamente, a visão de Apiano sobre o trácio: Foi Espártaco que instigou a revolta convencendo 70 a lutar pela liberdade em vez de para o entretenimento de terceiros; Crucificou 300 prisioneiros romanos para homenagear Crixus aquando da sua morte; O seu exército era composto pelo desperdício da humanidade; Tentou negociar uma rendição com Crasso; Morreu depois de ser atingido por uma lança na perna, sem parar de lutar ladeado até ao fim pelos seus;

⁷³ Apiano, *op. cit.*, 1.14.116

⁷⁴ “A nossa lei é simples. Tudo aquilo de que nos apossarmos será conservado para todos nós, e nenhum homem possuirá nada mais do que as suas armas e a sua roupa”, in *Fast*. p. 126

Rousseau, começou assim a ser recuperada pelas correntes socialistas que emergiram ao longo do século XIX, com a referência de Marx a garantir-lhe um lugar de destaque agora no imaginário marxista. O seu nome alimentou os sonhos de vários movimentos revolucionários do proletariado no início do século XX, como os Espartaquistas envolvidos na Revolução Alemã do pós-Grande Guerra, nascidos da Liga Espártaco, fundada por Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo. Esta liga fundou o Partido Comunista Alemão, incitando à revolução através de um jornal chamado “Cartas de Espártaco”. Na revolução de 1918-19, os Espartaquistas procuraram seguir o exemplo bolchevique na Rússia, mas sem sucesso, tendo acabado derrotados. “Que os meios de produção deixem de ser um monopólio de uma única classe; tornem-se propriedade de todos. Não mais exploradores e explorados!”, refere a dado passo Rosa Luxemburgo⁷⁵ na apresentação dos propósitos da Liga Espártaco. Também Lenine, já em Julho de 1919, citou Espártaco como exemplo enquanto discutia a luta dos Espartaquistas alemães – “únicos que combatem contra o jugo capitalista” –, nomeando-o como “um dos principais heróis de uma das maiores insurreições de escravos, quase há dois mil anos. Durante anos o Império Romano, totalmente baseado na escravatura e que aparentava ser todo-poderoso, tremeu por uma formidável insurreição de escravos que se armaram e organizarm à volta de Espártaco (...). Este tipo de guerras civis marcam todo a história da sociedade de classes⁷⁶”.

2.3 – O(s) Espártaco(s) nacionalista e romântico.

Em meados do séc. XIX Espártaco já tinha atingido então um estatuto suficientemente importante para se encontrar no centro dos discursos socialistas e marxistas, espaço que viria a recuperar e reforçar ao longo do séc. XX. Mas além deste aproveitamento da figura e da revolta, também os apetites nacionalistas do final do séc. XIX encontraram um uso para o trácio nomeadamente numa Itália recém-unificada, isto apesar do reduzido interesse dos historiadores desta península no trácio. Foi em 1874 que surgiu a obra de Raffaello Giovagnoli “Espártaco”, peça vista por Giuseppe Garibaldi, líder de três guerras de independência italianas, como o símbolo maior das guerras de libertação do país. Espártaco era o tipo de herói que devia inspirar os seus contemporâneos e Garibaldi já antes do livro de Giovagnoli apontava-o como um exemplo de guerra justa.

Além de ter servido de inspiração para o movimento nacionalista italiano, as traduções da criação de Giovagnoli levaram estas ideias também a alimentar outros sonhos nacionalistas, já que o autor italiano fez de Espártaco “um ícone romântico mais associado à formação de uma identidade nacional do que a qualquer tipo de ideal socialista ou comunista⁷⁷”. Seria a mudança

⁷⁵ Rosa Luxemburgo, “What does the Spartacus League wants”, Dezembro de 1918, em: <https://www.marxists.org/archive/luxemburg/1918/12/14.htm>

⁷⁶ Lenine, *De l'Etat*, 11 Julho 1919, em: <https://www.marxists.org/francais/lenin/works/1919/07/19190711.htm>

⁷⁷ Shaw, p. 18

de Espártaco para uma figura mais associada ao romantismo que viria agora dar à sua história um alcance ainda mais global. Se até Giovagnoli o trácio continuava a ser apresentado, independentemente das ideologias que o aproveitam, como um combatente contra a opressão e promotor de um novo tipo de sociedade, onde os homens tinham direitos políticos e sociais idênticos, o autor italiano acrescentou ao mesmo traços pessoais e familiares que o tornaram mais próximo da maioria: quem não deseja proteger a sua família? “Este ‘lado pessoal’ de Espártaco foi o que o tornou acessível às massas revolucionárias do séc. XIX na Europa contribuindo para o seu engrandecimento como lenda no séc. XX (...). O resultado da ‘romantização’ foi tornar Espártaco num novo tipo de pessoa, com uma família a cargo e que lutava por ver os seus direitos reconhecidos⁷⁸.” Os autores românticos trocaram assim o gladiador disposto a tudo em nome da luta contra a opressão, por um homem disposto a tudo mas pela sua família e amigos. “A necessidade dos escritores do séc. XIX de ter um ‘herói contemporâneo’ das revoluções políticas europeias resultou na transformação de Espártaco numa figura romântica⁷⁹.”

2.4 – O Espártaco americano.

Não sendo o continente europeu detentor exclusivo dos surtos revolucionários e do ímpeto guerreiro, não é de estranhar que a figura de Espártaco também tenha atravessado o Atlântico enquanto figura mítica e ideológica, numa viagem assegurada por Robert Montgomery Bird que, em 1831, escreveu a peça “O Gladiador” que estaria nos palcos em Setembro do mesmo ano. Este autor terá antecipado o movimento de “romantização” de que o trácio foi alvo a partir do livro de Giovagnoli na Europa. Bird coloca a vida pessoal de Espártaco no centro da sua trama, fabricando um irmão e uma mulher para o mesmo, com esta última a ser recorrentemente ameaçada de morte para forçar o icónico rebelde a lutar como gladiador.

A peça, que também retrata e foca os dramas vividos pelos escravos, foi um tremendo sucesso: “A versão de Bird de Espártaco foi ‘o’ sucesso do teatro americano do séc. XIX (...). O público identificou-se com a mensagem de um herói individual que, contra todas as hipóteses, luta pelos seus direitos e liberdades⁸⁰.” Os Estados Unidos viviam as décadas precedentes à sua guerra civil, com a escravatura cada vez mais no centro do debate e apesar de se ter dedicado a Espártaco, ironicamente Bird não era um abolicionista – muito pelo contrário⁸¹. O argumento de Bird, na realidade, não atraía apenas abolicionistas, já que falava também às gerações pós-revolucionárias norte-americanas, cuja recente libertação do jugo britânico ainda alimentava muito o imaginário e sonhos, e também às crescentes massas que sofriam com os horrores de

⁷⁸ Kaltsas, *op. cit.*, p. 36

⁷⁹ Kaltsas, *op. cit.*, p. 35

⁸⁰ Shaw, *Spartacus before Marx*, p. 20

⁸¹ A dada altura da sua vida, desistiu de comprar uma vivenda na Pennsylvania porque o governo local começou a ponderar em abolir com a escravatura.

uma industrialização crescente e que começava a suscitar a procura por movimentos organizados de defesa dos trabalhadores.

“A possibilidade de inverter uma sociedade opressiva apelava a uma geração que tinha a Revolução Americana nas costas e a guerra civil à sua frente. Isto é especialmente verdade se considerarmos ainda o apelo que a peça tinha para as classes mais baixas num período em que as ideologias comunistas começavam a ganhar espaço⁸².” Com o aplauso dos oprimidos da indústria, dos nacionalistas recém-descobertos e num período em que a guerra e as batalhas pela liberdade faziam e continuariam a fazer parte da formação da “*land of the free*”, naturalmente que esta peça tinha tudo para ser “o” tal sucesso no Estados Unidos, país que ainda para mais fez da liberdade individual o objectivo último da existência do ser humano. A peça era de tal forma ajustada ao público norte-americano que “ao contrário de várias outras obras de Bird, que foram traduzidas em francês, alemão e outras línguas, tal nunca se verificou com Espártaco⁸³”.

Apesar do tremendo sucesso que registou a partir da década de 30 do séc. XIX, o argumento de Bird desapareceu subitamente dos palcos norte-americanos com o início da nova centúria. Os tempos mudaram muito nos 70 anos desde que Bird escreveu o seu argumento e o seu Espártaco mantinha-se igual. O icónico escravo revolucionário da Trácia, “renascido” em meados do séc. XVIII e que floresceu em todo o séc. XIX para responder e “dar a cara” na batalha pelos direitos do homem e pelo combate à tirania, assim como pela defesa do direito à autodeterminação dos povos, precisava de uma nova roupagem para sobreviver deste lado do Atlântico. Na Europa, a depressão pós-Grande Guerra ia dando um novo alento a Espártaco, cuja figura respondia quase em exclusivo às aspirações da classe operária. Nos Estados Unidos, foi preciso esperar pelo fim da 2ª Guerra Mundial e pelas perseguições anti-comunistas para o trácio voltar e com mais força.

3 – Fast: enquadramento e obra.

“*Jihad* anti-comunista.” É desta forma que Brent D. Shaw nos introduz à paranóia anti-soviética que tomou conta dos Estados Unidos pouco depois do final da 2ª Guerra Mundial, país onde a propagada e amada liberdade individual afinal tinha limites. Mas como costuma ocorrer nestas perseguições, fazem mais mal que bem aos perseguidores. Entender a obra de Howard Fast obriga-nos a perceber o efeito de um período chamado de *Red Scare* que atravessou os Estados Unidos durante quase uma década e que deixou marcas em toda a sociedade norte-americana, de tal forma vincadas que ainda hoje se fazem sentir⁸⁴.

⁸² Kaltsas, *op. cit.*, p. 47

⁸³ Shaw, *Spartacus before...*, p. 24

⁸⁴ Basta ver que em pleno séc. XXI apontar alguém como “socialista” nos EUA é um insulto – isto se não provocar uma revolta armada, caso se trate de um Presidente dos EUA.

Na década de 1950, fosse pelo medo do poderio militar aparente demonstrado pela União Soviética na derrota da ameaça nazi, fosse pelos riscos que as ideias socialistas poderiam colocar à total liberalização económica, a classe política norte-americana iniciou uma perseguição sem quartel a qualquer pessoa e instituição que apresentasse o menor indício de defender ou promover ideais socialistas e comunistas. Coube a Joseph McCarthy, senador republicano, liderar o ataque aos comunistas – viria também a perseguir os homossexuais – lado a lado com a HUAC, sigla para “House of Un-American Activities Committee”, que o próprio criou e viria a liderar.

Inicialmente pensado para travar avanços das ideologias comunistas nos sistemas educacional, político e económico dos EUA, devendo para isso investigar as vidas e amizades de senadores, juízes, advogados e quaisquer outros decisores, a HUAC rapidamente estendeu os seus tentáculos até qualquer pessoa com acesso a meios de comunicação no país, ganhando desta forma “tutela” sobre toda a classe artística do país – foi assim que Arthur Miller e Charles Chaplin, por exemplo, caíram nas garras de McCarthy. Mais do que saber das ligações e simpatias políticas dos que eram levados para interrogatório, a HUAC exigia a denúncia de qualquer pessoa que estes soubessem ser simpatizante da ideologia proibida. Quem não aceitasse colaborar tinha lugar garantido numa lista negra – e logo não mais teria emprego – ou, no limite, daria por si na prisão⁸⁵. Foi precisamente o que aconteceu a Howard Fast.

Fast esteve preso durante um ano por ter recusado colaborar com as actividades da HUAC, não denunciando o nome de qualquer comunista aos seus perseguidores. Mas assim que saiu, avançou com a sua vingança: a obra “Espártaco” saiu da pena deste ex-prisioneiro em 1951. Fast todavia continuava um alvo da paranóia anti-comunista, estando já sobre a supervisão directa de J. Edgar Hoover, o super-poderoso líder do FBI entre 1935 e 1972. Foi este quem escreveu directamente às maiores editoras norte-americanas de então a lembrar que não ia gostar de ver a obra de Fast publicada. Grandes males, grandes remédios: Fast avançou com uma edição de autor e desta forma fez nascer em pleno *Red Scare* um Espártaco mais ideológico, marxista e revolucionário que alguma vez tinha sido – ou Fast não sentisse que ele e tantos outros estavam a ser igualmente perseguidos e oprimidos.

3.1 – Fast: A síntese.

O livro arranca colocando-nos em plena Via Ápia, pouco depois de resolvida a revolta, onde os jovens Caius, Helena e Claudia estão a viajar de Roma para Cápua, elas em liteiras carregadas por escravos. Pelo caminho vão-se cruzando com os companheiros de Espártaco que foram capturados e crucificados ao longo daquela estrada. Interrompem a jornada para pernoitar na

⁸⁵ Tudo medidas violadoras da Constituição do país.

casa de um tio de Caius, Antoninus, onde conhecem Crasso, Cícero e Graco, que também recolheram à *villa* de Antoninus naquela noite. Dado o espectáculo dos crucificados com que os jovens se foram cruzando e o papel determinante de Crasso na revolta, a conversa rapidamente evolui para Espártaco, cujo cruel desfecho é-nos dado a conhecer tanto pela voz do guarda de um dos crucifixos da Via Apia (p. 11) como pelo próprio Crasso (p.30).

A história das origens de Espártaco chega-nos pela boca de Crasso, que a ouviu directamente de Batiatus (p.51-69), personagem que o general romano fez questão de ouvir antes de embarcar na perseguição dos revoltosos. O dono da escola de gladiadores de Cápua apresenta-nos um Espártaco escravo de terceira geração, nascido de escrava filha de um escravo, que comprou numas minas no Egipto, onde chegou com outros 122 trácios. Apesar de contar com apenas 23 anos nessa altura, Espártaco era já olhado e tratado por todos os outros como “Pai”, dada as suas constantes preocupações e atenções para com os seus companheiros de infortúnio. Batiatus detalha que não só comprou o trácio como lhe veio a oferecer Varínia, com os dois a apaixonarem-se perdidamente. Nesta altura regressamos à *villa* de Antoninus para descobrir que todo este relato foi dado por Crasso ao jovem Caius depois de partilharem a cama⁸⁶.

Nesta altura Fast revela-nos que o jovem Caius já se tinha cruzado com Batiatus e Espártaco pouco antes da eclosão da revolta, quando numa deslocação a Cápua na companhia de um homem mais velho, este o quis surpreender com um espectáculo privado de dois pares de gladiadores em lutas até à morte (p.73). Os romanos fazem questão de escolher eles próprios os escravos que lutarão entre si sendo um dos escolhidos Espártaco. É no ritual de preparação dos quatro lutadores que Fast nos volta a chamar a atenção para o efeito que o trácio tem sobre todos os outros escravos e de como este era amado pelos restantes gladiadores, que não duvidavam em seguir o que ele determinasse (p.84). No primeiro duelo do dia, David, um judeu, derrota outro gladiador enquanto os romanos assistem num camarote bebendo vinho e insultando os lutadores. O segundo combate colocaria frente a frente Espártaco e Draba que, todavia, mal chega à arena lança-se em direcção ao camarote dos romanos, sendo apenas travado depois de receber quatro lanças no corpo. Espártaco permanece imóvel na arena, caso contrário seria igualmente abatido (p.98).

Deste episódio à revolta dos gladiadores vai um instante. Batiatus mandou pendurar o corpo de Draba à vista de todos, para servir de exemplo, e tendo apenas recebido metade da verba acordada com os romanos vingou-se em todos os gladiadores, distribuindo maus tratos de uma forma generalizada e gratuita. A sucessão de eventos ia unindo cada vez mais os escravos à volta de Espártaco que, a dado passo, decide-se pela revolta: “Roma nunca mais esquecerá os gladiadores de Cápua” (p. 117-121). Conseguida a fuga, os escravos avançam para o Vesúvio

⁸⁶ Isto num livro publicado nuns Estados Unidos então ultraconservadores e homofóbicos.

onde montam o seu primeiro acampamento e onde Espártaco define as primeiras regras desta nova comunidade. “A nossa lei é simples. Tudo aquilo de que nos apossarmos será conservado para todos nós, e nenhum homem possuirá nada mais do que as suas armas e a sua roupa. Era assim nos tempos antigos (p. 126).”

A este decreto do trácio, Fast contrapõe os jogos políticos e de interesses em que Roma andava constantemente imersa, atribuindo o envio de legiões mal preparadas para responder à revolta à falta de vontade do Senado em procurar alguém fora do seu círculo de amigos (p.147), realçando depois a falta de profissionalismo destas primeiras tropas que foram em direcção a Cápua (p.153), sobretudo em comparação com um Espártaco que até tem o cuidado de num dos ataques deixar um romano sobreviver para contar os acontecimentos ao próprio Senado (p.158). Um tipo de dicotomia constante ao longo de todo o livro.

A noite na *villa* de Antoninus entretanto chegou ao fim e a manhã desponta. Os jovens prosseguem em direcção a Cápua, agora na companhia de Crasso, onde vão assistir a jogos de gladiadores em celebração do fim da revolta. Em Cápua voltamo-nos a cruzar com o judeu David (p.180), um dos escravos que ao longo da revolta mais próximo se tornou de Espártaco e que agora jaz crucificado na cidade onde tudo começou, definhando à espera da morte. Crasso enquanto observa David recorda o episódio em que mandou castigar os seus soldados por fugirem do campo de batalha, lembrando-se também que foi este judeu quem tentou impedir que dois dos comandantes romanos capturados fossem obrigados a lutar até à morte pelos escravos. Também David, no limiar da vida e da morte, vê a sua consciência viajar pelos tempos da revolta: lembrou-se quando revelou a Espártaco que “havia somente um Deus” e de como Roma era igualmente opressora sobre os não escravos – “apercebeu-se da existência dos impostos, pois, por mais que seu pai se esforçasse, nunca lhes restava o suficiente com que matassem a fome, ainda que a terra fosse extremamente fértil (p.188-189)”. É ainda através da semi-consciência de David que Fast nos leva até aos momentos finais da revolta. David estava ao lado de Espártaco quando se sabe da derrota de Crixus e dos 20 mil homens com quem queria atacar Roma. Partilhando igualmente o momento quando o trácio se despediu de Varínia e do filho que esta já carregava no ventre (p.213). David acaba por dar o último suspiro no crucifixo depois de recordar a carga final em direcção a Crasso que levou a cabo ao lado de Espártaco (p.214).

Além das actividades militares, o livro mostra-nos agora a faceta de empresário que ajudou a tornar Crasso num dos romanos mais ricos de sempre, apresentando-o como um industrial, ávido pelo lucro e atento às vantagens de trocar mão-de-obra escrava por assalariados mal pagos, já que a estes nem precisa de dar comida (p.218-220). Mas como o dinheiro não compra a felicidade, Fast guarda uma última partida para Crasso. O general romano dá por si

apaixonado por Varínia, com quem ficou como espólio da vitória, mas nem por todas as riquezas do mundo a convence a ceder aos seus encantos (p. 243). A já mãe do filho de Espártaco acaba por ser raptada e libertada por Graco (p.259), encontrando uma nova casa numa aldeia da Gália. Vinte anos depois, culpa de sucessivos aumentos de impostos e de más campanhas agrícolas, muitos dos habitantes desta aldeia falham os pagamentos a Roma e são feitos escravos. O filho de Espártaco e outros da aldeia refugiam-se nas montanhas e iniciam nova guerra contra a Roma opressora, luta que dura vários anos e que acaba por reclamar igualmente a sua vida (p.267).

4 – Fast: A crítica.

Conforme referimos inicialmente, são várias as passagens da obra de Fast que se encontram devidamente respeitadoras dos pormenores que encontramos nos relatos das fontes clássicas sobre a terceira guerra de escravo, da qual Espártaco foi a principal figura. Ao longo de todo o trabalho procurámos ir salientando exemplos dessas passagens, de forma a realçar que apesar do cunho ideológico que foi imprimido ao livro, não devemos olhar para o mesmo como algo extremamente distante daquilo que Plutarco, Apiano ou Salústio, entre outros, nos dão a conhecer – ao contrário por exemplo dos primeiros avanços artísticos sobre Espártaco. De facto, é certo que os relatos das fontes deixam várias pontas soltas sobre a história deste trácio, fruto dos problemas historiográficos que analisámos na parte inicial deste trabalho e que o próprio Howard Fast evidencia ao longo do livro, omissões que criam um campo perfeito para a imaginação literária e dramática entrar em funcionamento. Ainda assim, sublinhe-se, há aspectos nas fontes de que Fast foge, omite ou relativiza deliberadamente para favorecer a sua visão. Lá chegaremos.

Olhemos primeiro para a personagem de Espártaco do autor norte-americano à luz das diferentes roupagens que o gladiador foi tendo desde o séc. XVIII. Identificamos no Espártaco de Fast uma espécie de ponto de chegada das várias correntes que criaram o mito à volta deste escravo. Espártaco é agora não só um defensor das classes oprimidas, esmagadas por uma elite cuja riqueza vem da escravatura, do esmagamento fiscal das populações e da corrupção – marxista –, assim como um líder preocupado com o bem-estar do colectivo que luta pelo fim da tirania, pelo direito à igualdade e pela auto-determinação – iluminista e nacionalista – mas também como um homem apaixonado cuja guerra que iniciou contra a República resulta na liberdade da sua mulher e filho, ainda que à custa da sua vida – romantismo. Se a primeira roupagem é a que fica mais evidente em todo o livro, esta última acaba por ser a nosso ver a mais surpreendente, já que Fast, indirectamente, vai muito além de um romantismo superficial centrado na mulher e no filho.

4.1 - O Espártaco *kalos kai agathos*.

É através da referência a um romantismo além do superficial que viajamos agora até à Grécia Antiga. Espártaco é o *kalos kai agathos* de Howard Fast, um herói guerreiro e honrado que combaterá até à morte, reunindo como maiores características a coragem, integridade, inteligência, temperança, calma e uma beleza muito própria, sendo mesmo o único que consegue quebrar o bloqueio emocional de Varínia, mulher que ao longo de toda a obra vai colecionando pretendentes⁸⁷ – coincidência ou não, certo é que assim que os escravos fogem da escola segue-se uma espécie de *symposium*⁸⁸. Para aprofundar a ideia, Fast vai reforçar ainda mais a colagem do herói trácio ao herói grego, recorrendo para isso a Homero, Hesíodo e Prometeu.

Ainda nas minas do Egipto, Espártaco sonha com os seus tempos de criança, mais felizes apesar de já ser um escravo. Um velho ensina-o a ler. “Lê e aprende, meu filho’, diz-lhe o homem, ‘para que nós, os escravos tenhamos uma arma: Sem ela somos como os animais nos campos. O mesmo deus que deu o fogo aos homens deu-lhes o poder de escrever os seus pensamentos, para que possam evocar os pensamentos dos deuses na cidade de ouro; porque os homens nesses tempos felizes estavam perto dos deuses e podiam falar livremente com eles. Nesse tempo não havia escravos, e dias iguais acabarão por voltar (p.61).” Prometeu volta a surgir pouco depois⁸⁹, assim como Hesíodo, único que Fast não nomeia directamente. “Como a maior parte do mundo era constituída por escravos, em breve seriam uma força à qual nada poderia resistir. Então desapareceriam as nações e as cidades e voltaria a *idade de ouro* (...). Assim que Espártaco e os seus escravos tivessem conquistado o mundo inteiro, voltaria essa *idade* (p.200)”, lê-se numa das introspecções que Fast atribui a David. Tanto no discurso do velho como nos pensamentos de David identificamos o mito das Cinco Idades de Hesíodo: “De ouro era a primeira geração de homens mortais; criada pelos imortais que habitam as moradas Olímpicas. Eram do tempo de Cronos, quando ele reinava no céu; como deuses viviam, com o coração liberto de cuidados, longe e apartados de penas e misérias (...). Todos os bens tinham à disposição: para eles, a terra fértil produzia frutos espontaneamente, muitos e copiosos, e eles, contentes e tranquilos, partilhavam os trabalhos com alegrias infinitas⁹⁰.”

⁸⁷ Os exemplos são inúmeros, vejamos um sobre as características do herói e o amor de Varínia: “Essa era a primeira coisa que se reconhecia em Espártaco, a sua integridade (...). Era amado e respeitado. Mas o amor de Varínia era já outra coisa. Ela acreditara que o desejo estava morto para sempre no seu corpo, mas bastara-lhe tocá-lo para o apetecer. Tudo nele era feito desta maneira especial de que deviam ser formados os homens, se ela fosse escultora ou tivesse de os criar.” (p. 107); Ou: “Existira jamais um homem como Espártaco? Existira jamais um homem tão doce, paciente, tão avesso à cólera?” (p. 198). Já como pretendentes de Varínia temos o companheiro de Espártaco, David (p. 200) e os romanos Crasso (p. 240) ou Graco (p. 249).

⁸⁸ “Constituíam agora uma imensa hoste de homens, mulheres e crianças que riam e cantavam, embriagados pelo mesmo vinho da liberdade. A noite caiu quando já se encontravam a quase 30 quilómetros de Cápua, e acamparam num vale perto de um córrego murmurante: acenderam fogueiras e comeram carne fresca até se fartarem”, p. 128

⁸⁹ Recordamos: “Ele [Espártaco] era o seu chefe e o seu deus – pois não estavam eles persuadidos de que os deuses desciam ocasionalmente à Terra e não tinha o próprio Prometeu roubado o fogo sagrado do Céu para o ofertar, como a mais preciosa de todas as dádivas, à humanidade? E o que acontecera uma vez podia acontecer de novo”, p. 128

⁹⁰ Hesíodo, *Trabalhos e Dias*, 106-119

Ao contrário de Hesíodo, as referências a Homero e a *Odisseia* em *Fast* já são directas. Espártaco, assim como os restantes escravos, é Ulisses, herói perdido e condenado por Roma toda-poderosa a enfrentar uma miríade de obstáculos intransponíveis. “David não esqueceu jamais a primeira vez que ouviu Espártaco recitar versos da *Odisseia*” (p.197), *Fast* coloca nas palavras deste escravo o destino até onde quer levar o leitor: “No seu espírito, David identificava Espártaco com Ulisses, o paciente e sábio Ulisses; e, para ele, os dois passaram a ser uma só entidade. O adolescente que ele era ainda, apesar das aparências, encontrara em Espártaco um herói e um modelo (p. 198).”

E se Espártaco na trama de *Fast* é o herói grego, já os romanos são descritos como duros críticos destes, vendo-os até como ridículos: “É importante que compreendamos isto [os escravos não são seres humanos] e que nos desembaracemos do sentimentalismo ridículo dos gregos, que proclamam igualdade de tudo o que anda e fala”, refere Cícero a dado passo (p. 38), que adiante ainda critica os ideais gregos face aos romanos, agora comparando a escultura dos primeiros e os retratos *veristas* dos segundos: “Estou cansado de ouvir falar dos méritos dos gregos, não fizeram nada que os egípcios não tivessem criado já mil anos antes. Estes são dois exemplos da decadência de povos incapazes de se desenvolverem e manterem a sua hegemonia. É o que reflecte a escultura. Pelo menos, um artista romano retrata a realidade (p. 142).”

Por fim, e como Espártaco é comparado a Ulisses, também este teria que ser um alvo romano: “Veio-lhe então à mente o trecho da *Odisseia* em que Ulisses sacia a sua vingança matando os falsos pretendentes (...). Sempre o intrigara [a Graco] o ódio feroz, quase desumano, que Ulisses manifestava para com as suas escravas que tinham dormido com os pretendentes. Recordou-se subitamente como Ulisses contrangerá as 12 mulheres a carregar os corpos dos amantes para o pátio e a raspar do chão da sala de banquetes o sangue ali derramado. Depois sentenciara-as à morte e ordenara ao filho que executasse a sentença. O filho ultrapassara o pai em crueldade. Foi Telémaco quem teve a ideia dos doze laços na mesma corda e de as enforcar todas juntas, como se fossem galinhas depenadas (p.228).” De notar, contudo, que na argumentação deste romano *Fast* omite que entre as 50 servas do herói homérico, as 12 em questão além de terem dormido com os pretendentes também “contra a minha cabeça [Telémaco] atiraram insultos e contra a minha mãe⁹¹”.

4.2 – *Fast*: As dicotomias.

As dicotomias entre escravos e romanos são uma ferramenta literária que *Fast* utiliza até à exaustão ao longo do seu livro. Os romanos surgem várias vezes descritos como dispostos a

⁹¹ Homero, *Odisseia*, XXII 438-474

tudo em nome do lucro ou de ganhos de influência política, numa destruição da sua imagem que começa logo nas páginas iniciais do livro que terminará em idêntico tom.

Ainda estão os três jovens a caminho da *villa* do tio de Caius quando se cruzam com um romano, fabricante de salsichas, que lhes confia que conseguiu comprar “120 mil quilos de carne” dos rebeldes capturados. Para quê? “Defumei-os, piquei-os e misturei-os com carne de porco, temperos e sal. Metade vai para a Gália, o resto para o Egipto. E o preço foi compensador.” E se o relato não é claro o suficiente, reforça-se o mesmo: “Comprei cento e vinte mil quilos de escravos e transformei-os em salsichas (p. 17-18)”. Também Batiatus será utilizado com o mesmo fim: “Ele possui três das maiores casas de aluguer de Roma; uma quarta caiu o ano passado, matando metade dos inquilinos. É capaz de tudo por dinheiro (p. 43).” Mais tarde ficamos a saber que foi por falta de vontade de gastar dinheiro com obras.

Exemplos deste género serão uma constante ao longo do livro, ao mesmo ritmo que a turba de escravos foragidos vai sendo apresentada como uma comunidade onde a felicidade e a harmonia reinam (vide por exemplo nota 88). A própria relação com as mulheres serve para realçar as diferenças entre os dois lados: Se toda uma coorte romana divertiu-se a matar três escravos e depois a violar uma única escrava (p. 159), já a lei dos foragidos é de um respeito/conservadorismo total: “Nenhum homem dormirá com uma mulher, seja ela romana ou não, que não tenha desposado legalmente (p. 126).”

O paralelismo entre os “maus romanos” e os “bons rebeldes” não é, todavia, uma novidade que Fast acrescente na abordagem ao tema de Espártaco, sendo aliás uma necessidade de todas as peças, livros ou tragédias sobre o trácio, ou não fosse este um símbolo da libertação que exigia a diabolização do seu inimigo, justificando assim a própria revolta. Tendo isto em conta não nos alongaremos mais neste ponto, remetendo apenas para uma última passagem de Fast: “Cícero não poderia jamais compreender donde emanara a força deste misterioso escravo, mas ele, Graco, compreendia. Lar e família, honra e virtude, tudo o que havia de bom e de nobre, era defendido e possuído pelos escravos – não porque fossem virtuosos e nobres, mas porque os seus senhores tinham transferido para eles tudo o que era sagrado (p. 135).”

4.3 – Fast: Omissões e ideologia.

A lógica dicotómica que é realçada ao longo de toda a narrativa, sendo um precioso recurso literário, não surge sem passar uma factura ao nível do rigor histórico da obra, mais não seja porque obriga à redução do mundo a uma lógica de “preto e branco”, onde, existindo ou não, os cinzentos não cabem. Toda e qualquer passagem das fontes que apresente facetas menos agradáveis dos revoltosos acabam elas próprias por sofrer um tipo de repressão e censura por parte do autor que, ironicamente, procura criticar e promover um acto de rebelião contra práticas

de repressão e censura. Da mesma forma, e em prol da diabolização dos romanos, o mesmo sucede com o desenho da imagem destes, onde Fast recorre à hiperbolização das suas terríveis, condenáveis e corruptas práticas políticas, sociais e económicas. Não queremos com isto dizer que não tenham existido escravos realmente bons ou romanos realmente maus em toda a história da República e do Império, antes salientar que a caracterização que o autor faz de ambos os lados da contenda são levados ao extremo – de forma propositada, claro, ou não se tratasse de literatura. A nosso ver, Fast, além da opressão às passagens das fontes que não respondem aos seus propósitos, cai também num outro erro que procura criticar no livro: a infidelidade das fontes e dos objectivos dos seus autores. Há uma diferença, é certo: todos os leitores de Fast sabem que estão perante literatura e não história. Porém, ao misturar factos conforme surgem relatados nas fontes com outros menos “respeitadores” ou mesmo inexistentes, torna-se fácil para o escritor baralhar o seu leitor em relação à fronteira entre a realidade (possível) e a criação.

Não colocando em causa a justiça das críticas que Howard Fast faz à visão dos autores clássicos (vide notas 2 e 7), que aliás subscrevemos, também não devemos cair no extremo oposto de ter certezas que estas são enganadoras quando relatam factos que não nos agradam ou que não se adaptam aos nossos intentos. Infelizmente aparenta hoje ser impossível que alguma vez saibamos como realmente se passaram as coisas⁹². Ao viajar pelas fontes clássicas que retratam o episódio de Espártaco há alguns aspectos relatados que Fast propositadamente omite ou diminui de intensidade, a começar pela enorme quantidade de secessões que o seu exército sofreu entre 73 – 71 a.C., tal a dificuldade em manter um grupo tão heterogéneo coeso, secessões essas que em muito contribuíram para a derrota final, como tentámos mostrar na reconstituição resumida do relato presente nas diferentes fontes. Em Fast encontramos apenas uma secessão, a de Crixus (p. 211), já que o desenho de uma comunidade tão unida em prol do bem comum ficaria em risco com a ideia de constantes dissensões.

A constituição desta mesma comunidade recheada de “escravos-homens-bons” também ficaria em xeque caso fosse dado eco aos excessos por estes cometidos – que, saliente-se, não encontramos referidos em Plutarco –, como quando Salústio⁹³ define que a “vasta maioria dos fugitivos, dada a sua natureza servil, só pensavam em saque e mulheres”, ideia corroborada por Floro. Também os próprios excessos de Espártaco, como a crucificação de 300 romanos em honra de Crixus ou o mandar executar prisioneiros para viajarem mais depressa, passam ao lado da narrativa de Fast. Por outro lado, as abundantes referências do autor ao igualitarismo promovido por Espártaco só encontra paralelo num passagem rápida de Apiano (vide nota 73).

⁹² Se é que em algum período histórico tal é efectivamente possível, note-se.

⁹³ Salústio, *op. cit.*, in Shaw, p. 147

Mas repetimos: não queremos defender que tudo isto ou o seu oposto seja realidade apenas apontar a utilização ou omissão das fontes consoante a intenção literária.

Aproveitamos agora o tom final em que termina a obra de Fast para avançarmos para o olhar sobre a ideologia de Fast e do seu Espártaco, isto além da questão do igualitarismo do trácio supracitada. É na parte final do livro que o autor norte-americano decide ir além do tema da igualdade de distribuição de rendimentos, avançando pela opressão que Roma impõe do ponto de vista fiscal até aos seus cidadãos livres e mais humildes. Primeiro, quando David recorda a triste história do seu pai, história que “lhe deu consciência do profundo abismo que separa os ricos dos pobres”, esmagado por tantos impostos que nem nos anos em que a terra “fosse extremamente fértil” os conseguia cumprir. Ele mas também os seus vizinhos, que por vezes se reuniam “na única divisão em que toda a família [de David] vivia e discutiam sem cessar, repetindo como era dura a vida e como eram cada vez mais explorados, sugados” (p.189-191). A ideia regressa já na última página do livro, quando o filho de Espártaco, mais de 20 anos depois da morte do pai, é obrigado a refugiar-se nas montanhas e a combater porque “os impostos começaram a aumentar incessantemente” até que “os camponeses que não puderam pagar os impostos foram expulsos das suas casas e das suas terras, acorrentados pelo pescoço e levados para serem vendidos” (p. 267). O filho de Espártaco então revolta-se, luta e morre, tal como o pai – esta é a forma encontrada por Fast para terminar o livro recordando que a guerra oprimidos-opressores é constante da humanidade ou, recordando as palavras de Lenine de que já demos conta: “Este tipo de guerras civis marcam toda a história da sociedade de classes (nota 76).”

A questão da opressão fiscal sobre cidadãos livres é um tema que as fontes sobre Espártaco não abordam mas que Fast entendeu puxar para o seu livro, sendo este um tema caro à literatura marxista que vê nas cargas fiscais exageradas mais uma forma de exploração da classe operária e de fomento e perpetuação das desigualdades. Fast aborda também esta classe operária e as desigualdades na parte final do seu livro, quando nos apresenta a segunda fonte de rendimento de Crasso (p.217-220), uma fábrica de perfumes em Cápua de “produção em massa” já que “só Roma sabe organizar convenientemente uma indústria”.

Não por acaso a descrição da fábrica poderia ser facilmente atribuída a uma unidade fabril inglesa do séc. XIX: “Tinham chegado à fábrica. Esta era uma casa baixa, de madeira, feia e comprimida entre edifícios que a cercavam. Ocupava uma área de cerca de 50 metros quadrados, estava em péssimas condições de conservação, com a madeira apodrecida em vários trechos e com falta de tábuas aqui e ali. Uma floresta de chaminés fumegantes emergia do telhado (...). [No interior] a atmosfera era carregada, devido ao calor dos fornos abertos. Sobre longas mesas achavam-se centenas de vasilhas e crisóis e a névoa produzida pelos rolos de

vapor que emanavam dos alambiques dava ao recinto uma atmosfera de pesadelo fantasmagórico.” Já quanto aos assalariados de Crasso, o mesmo: “Os trabalhadores continuaram as suas tarefas, as fisionomias duras, fechadas e amargas. Quando olhavam de soslaio para os visitantes, não mudavam, de forma perceptível, as expressões (...)” Pouco depois, Crasso remata: “Um escravo serve-se de comida que fornecemos e morre. Mas estes trabalhadores transformam-se em ouro. Nem, tão-pouco, tenho a preocupação de lhes fornecer alimento e moradia.” A enorme riqueza de Crasso fica assim mais fácil de perceber, até porque se por um lado há “dez para cada emprego”, por outro “cada um destes tubos que contêm a quinta-essência vale dez vezes o seu peso em ouro”. E se a dicotomia não fosse já suficientemente marcada, Fast acrescenta-lhe a cereja: “E entre tudo isto pairava o odor repressivo mas rico dos óleos perfumados.”

Reflexão

Tal como Espártaco e o seu exército, também Howard Fast era visto nos Estados Unidos de meados do séc. XX como um risco ao desequilíbrio do *status quo* vigente, já que adepto de uma ideologia que defendia um espírito de vida em comunidade e em prol do bem comum da maioria, algo incompreensível para a lógica de liberdade individual promovida pelo capitalismo, sobretudo do lado de lá do Atlântico. A perseguição de que Fast e tantos outros foram alvo pela HUAC à conta das suas opiniões políticas acabou por torná-lo também num lutador pela liberdade de expressão, primeiro ao preferir a prisão a denunciar terceiros, segundo ao avançar com uma obra que reforçou o mito de Espártaco, colando-o ainda mais a tendências marxistas, chocando de frente com o conservadorismo político e social em que tinham caído os Estados Unidos – o que faz também com o reforço das passagens sobre relações homossexuais ao longo do livro. Sem desejar repetir muitas das conclusões que ao longo do trabalho fomos identificando, decidimos abdicar da normal “conclusão” em prol de uma “reflexão” livre sobre a viagem que nos séculos mais recentes a figura de Espártaco realizou e nas (tantas) viagens que hoje precisaria de fazer.

Não deixa de ser significativo que muitos autores situem o início da deterioração que muitas sociedades contemporâneas atravessam hoje no ocaso das ideologias marxistas que Howard Fast tanto quis promover com o seu livro, um ocaso que empurrou o mundo para aquilo que Gilles Lipovetsky e Jean Serroy identificam como a “Hipermodernidade”, período onde a lei dos mercados, livre de qualquer concorrência, conseguiu tomar de assalto todo e qualquer reduto da vida política, social e empresarial que lhe faltava. Foi o fim da Guerra Fria que ditou este triunfo, colocando lentamente muitas economias ocidentais na mão destes mesmos mercados, tendo isto resultado, por exemplo, na actual imposição de sucessivas rondas de austeridade e no aprofundamento das desigualdades entre pobres e ricos. “Quanto mais os princípios do

liberalismo moderno – o indivíduo, o mercado – governam o mundo democrático, mais nos encontramos desamparados com a sua aplicação”, sintetizam Lipovetsy e Serroy, que culpam o “desmoronamento dos grandes sistemas ideológico-políticos que estruturavam o conflito Este-Oeste e a ordem mundializada” pela desorientação em que caíram muitas sociedades.

Tal como nos séc. XVIII, XIX e XX, o mundo de hoje precisa de um Espártaco de roupagem própria. Os recorrentes discursos que versam sobre a “falta de alternativas”, o aumento das taxas de pobreza e a existência de cada vez mais indústrias assentes em mão-de-obra escrava ou perto disso, confirmam isso. Seria redutor “pedir” apenas um trácio que combatesse a austeridade e o poder da alta finança. Hoje, mais conscientes dos problemas do mundo globalizado e de como estes se entrelaçam entre si, é impossível ver num só Espártaco a voz da revolta contra o estado das coisas.

Se na Europa temos a austeridade, a redução da protecção social e das condições de vida, problemas que o “Espártaco marxista” gostaria de enfrentar, ao mesmo tempo o Velho Continente enfrenta também o esmagamento de todas as correntes ideológicas opostas às do mercado, numa asfixia promovida pelas instituições supranacionais detentoras de um poder tão grande quanto o seu défice de legitimidade democrática. Só um “Espártaco iluminista” poderia enfrentar este absolutismo moderno. Nos Estados Unidos entre as bolsas de pobreza atrozes e crescentes e o excesso de violência policial, exige-se e suspira-se por um “Espártaco romântico”, que contra todas as hipóteses consiga defender a sua família. Na Ásia e em África, entre a pobreza, as ditaduras exploratórias e as centenas de fábricas e explorações assentes em escravatura⁹⁴, além das crescentes e cada vez mais mortíferas vagas migratórias, todos os Espártacos seriam poucos.

Tudo isto ao mesmo tempo que as maiores fortunas do planeta continuam a crescer, de forma cada vez mais acelerada: O perfume de uns é o odor repressivo de outros. O séc. XXI não precisa de um Espártaco mas de um exército de Espártacos.

⁹⁴ Veja-se as condições de trabalho em algumas fábricas chinesas que produzem os iPhones e afins que “a lei do mercado” nos impinge constantemente ou a indústria camaroeira tailandesa – vendida na Europa - totalmente assente na exploração escravagista de refugiados cambodjanos

Lista bibliográfica

Obra de referência:

FAST, Howard, “Spartacus”, Mem Martins, Publicações Europa América, Maio 1974

Fontes clássicas:

APIANO, “As Guerras Civis”, Horace White (ed.), Macmillan and Co, 1899, disponível em: <http://tinyurl.com/pzcldp>

FRONTINO, Julio, “Estratégias”, em: <http://tinyurl.com/ooet7m6>

HESÍODO, “Trabalhos e Dias”, Hugh G. Evelyn-White (trad.), 1914, disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0132>

HOMERO, “Odisseia”, Frederico Lourenço (trad.), 8ª Edição, Lisboa, Livros Cotovia, Julho de 2010

LÍVIO, Tito, “Periochae”, Livro 95, disponível em: <http://tinyurl.com/o7h9udq>

PATERCOLO, Veleio, “História de Roma”, Loeb Classical Library, 1924, disponível em: <http://tinyurl.com/o9agy5t>

PLUTARCO, “A Vida de Crasso”, Bernardotte Perrin (trad.), Cambridge/Harvard University Press, 1916, disponível em: <http://tinyurl.com/q8o5nqe>

SUETÓNIO, “As Vidas de 12 Césares”, Alexander Thomson (ed.), Gebbie & Co. 1889, disponível em: <http://tinyurl.com/p6n6tv6>

Fontes:

“Karl Marx, Friedrich Engles – Collected Works, vol. 41, 1860-1864”, Galina Kostryukova e Galina Voitenkova (org.), Peter Ross, Betty Ross (trad.), Eric Hobsbawm e Nicholas Jacobs (ed.), Lawrence & Wishart, s.d.

LENINE, “De l'Etat”, Julho 1919, em: <http://tinyurl.com/pwt994z>

LUXEMBURGO, Rosa, “What does the Spartacus League wants”, Dezembro de 1918, em: <https://www.marxists.org/archive/luxemburg/1918/12/14.htm>

SHAW, Brent D., “Spartacus and the Slave Wars”, Boston/New York, University of Pennsylvania, 2001

Bibliografia

KALTSAS, Christopher, “Spartacus Mythistoricus”, Wesleyan University, Abril 2011, em: http://wescholar.wesleyan.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1701&context=etd_hon_theses

RAAFLAUB, Kurt A., “Between Myth and History: Rome’s Rise from Village to Empire”, in “Companion to the Roman Republic”, Nathan Rosenstein, Robert Morstein-Marx (ed.), Blackwell Publishing, 2006

SHAW, Brent D., “Spartacus before Marx”, Princeton University, Novembro 2005, Versão 2.2., disponível em: <http://www.princeton.edu/~pswpc/pdfs/shaw/110516.pdf>